

Nem doidos, nem doidas: uma análise da abordagem midiática aos transtornos psicológicos e à saúde mental através da telenovela *Sharp Objects*¹

Mateus Brito de Souza SALES²

Karyne Lane Alves GOMES³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente estudo busca apresentar e analisar a construção de uma abordagem à saúde mental retratada por produtos midiáticos, com destaque para a televisão. A série norte-americana *Sharp Objects*, obra baseada no livro de mesmo nome e que narra a história de uma jornalista cuja vida é permeada por ciclos de sofrimento psicológico, foi tomada como objeto para que se estabelecesse uma ligação entre aspectos de uma obra audiovisual e necessidades sociais de intervenção e interpretação. Considerando esta e outras produções de mesmo cunho, é possível notar o caráter potencialmente arriscado da maneira como o conteúdo chega para espectadores(as), de modo que não há avisos prévios (conhecidos como *trigger warning*). Para tanto e, na medida do possível, foram utilizados os métodos de análise da imagem e análise do discurso, dialogando com autores(as) da Psicologia e da Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação e saúde; saúde mental; televisão; Objetos Cortantes; *Sharp Objects*.

INTRODUÇÃO

Através de uma pesquisa realizada por membros do *Health Affairs*⁴, a qual se propôs a analisar exemplos aleatórios de notícias de 1995 a 2014 que discutiam saúde mental, percebeu-se que mais de um terço de todas as abordagens de transtornos psicológicos nos objetos analisados era associado à prática de atos violentos (MCGINTY; KENNEDY-HENDRICKS; CHOKSY; BARRY, 2016). Os resultados exprimem a permanência de estereótipos negativos acerca de saúde mental num contexto informativo e quase que completamente midiático.

Em produções audiovisuais com discursos fictícios, como telenovelas, seriados e filmes, é notável a utilização de histórias violentas como forma de despertar o interesse do

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 - Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFC, e-mail: mateusbr@alu.ufc.br.

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFC, e-mail: karynelane@gmail.com.

⁴ *Health Affairs* é um jornal de saúde revisado por pares estabelecido em 1981 por John K. Iglehart; desde 2014, o editor-chefe é Alan Weil. Foi descrito pelo *The Washington Post* como “a bíblia da política de saúde”.

público, marca de uma mídia norteada por objetivos mercadológicos. No entanto, é preocupante que tais produções estejam, em sua maioria, concatenando a violência a transtornos psicológicos.

É através desta perspectiva que nasce o presente estudo. Os transtornos psicológicos, por sua seriedade e necessidade de discussão, devem ser abordados de forma correta em produtos midiáticos para que haja uma devida transmissão de informações, percepções e narrativas para o público espectador.

Para análise prática, foi escolhida a série de televisão estadunidense *Sharp Objects*, que trata de questões comportamentais num espectro de transtornos psicológicos e relações familiares — boa parte do enredo também é dedicada ao trabalho jornalístico de Camille, a personagem principal, com suas entrevistas e busca por respostas que se misturam com seus conflitos pessoais. *Sharp Objects* foi transmitida pela emissora HBO durante julho e agosto de 2018 e teve seu roteiro baseado no livro homônimo escrito pela autora Gillian Flynn, cuja primeira publicação ocorreu em setembro de 2006.

OBJETOS CORTANTES: SAÚDE MENTAL E CULTURA POP

O livro *Objetos Cortantes*⁵, de Gillian Flynn, se propõe a fazer uma abordagem da mulher no gênero literário de terror/suspense e de loucura e transtornos psicológicos nessa perspectiva. Publicado em 2006, é o romance de estreia de Flynn e, embora seja parecido com *Garota Exemplar* (2012), outra obra de sua autoria, o enredo e o protagonista são menos desenvolvidos no que tange à escuridão e a personagens desagradáveis e distorcidos. Além de tratar-se de uma história de suspense densa, chama a atenção para os efeitos devastadores e em cadeia das doenças mentais, especialmente aquelas que levam ao corte e a outras formas de automutilação.

A adaptação televisiva da emissora norte-americana HBO seguiu uma linha semelhante, com um número significativo de mulheres em seu elenco e equipe técnica. A minissérie é dividida em oito capítulos⁶ e segue um trabalho de *storytelling*⁷ marcado pela

⁵ Originalmente intitulado *Sharp Objects* no país de publicação, o livro foi traduzido para *Objetos Cortantes* quando trazido para o Brasil.

⁶ O nome dos episódios, inclusive, faz referência às palavras que a personagem de Amy Adams eternizou em seu corpo, com seus objetos cortantes.

combinação de trilha sonora, roteiro, direção e produção. A obra segue uma linearidade para propalar sua história, o que segundo Bahiana (2012) seria classificado como uma narrativa direta. Tais perspectivas são relevantes para o estudo pois contribuem para entender como se dá o processo de fusão entre os conceitos de violência e transtornos psicológicos em produtos midiáticos.

A narrativa tem início quando Frank Curry, editor do *Daily Post* de Chicago, envia a jornalista Camille Preaker para cobrir uma investigação de assassinato em sua cidade natal, Wind Gap, no Missouri. Camille está se recuperando de uma recente “estadia” em uma instituição psiquiátrica e Curry acredita que ao reaproximá-la da família trará algum benefício. O retorno da repórter à pequena cidade é cercado por desconforto e nem de longe é uma calorosa reunião de família: já faz oito anos desde a última vez em que ela visitou sua mãe, padrasto e a meia-irmã mais nova, Amma.

Percebe-se, nesse momento, uma dinâmica familiar estranha e disfuncional. Camille nota a obsessão de sua mãe com a saúde de Amma, que muitas vezes sofre de febre e doenças indeterminadas. Ela se pergunta se Amma é como sua irmã doente e agora falecida, Marian, que morreu quando Camille tinha treze anos. A morte de Marian marca um escuro ponto de virada na história da família, uma época em que Camille se voltou para a automutilação.

“Em várias culturas – primitivas, modernas e contemporâneas – o corpo é utilizado para comunicação. Além dos adornos usados no corpo com o objetivo de comunicar identidade, status, fé etc., também verificamos ao longo da história as marcas corporais derivadas de lesões autoinfligidas. Costa (2014), em seu livro *Tatuagem e marcas corporais: atualizações do sagrado*, questiona por que os homens começaram a tatuar-se, fazer *piercing*, escarificar-se ou mesmo mutilar-se. Para ela, o fato de que sociedades tribais tenham usado marcas corporais em rituais de passagem traz-nos uma questão importante. Ela afirma que o ritual coloca em causa a passagem de um estado a outro, o que diz respeito à transposição de uma perda. Há rituais em ocasião de nascimento, morte e também na passagem da infância para a adolescência” (ARAÚJO, 2016, p. 499).

A mãe de Camille é Adora Crellin, por quem a população da cidade tem grande apreço, sem conhecer seu comportamento controlador e abusivo causado pela síndrome de

⁷ *Storytelling* é uma palavra em inglês que está relacionada a uma narrativa e significa a capacidade de contar histórias relevantes. Em inglês a expressão “tell a story” significa “contar uma história” e storyteller é um contador de histórias.

Münchhausen⁸, que influencia diretamente a saúde de Camille, sua primeira filha, de Amma, a terceira, e da falecida Marian. A mãe de Adora agia abusivamente com ela, fator potencialmente responsável pelo desenvolvimento dessa síndrome e, por consequência, da necessidade da personagem de manter as pessoas doentes para controlá-las.

A doença de Adora atingiu diretamente as suas filhas e estas personagens femininas da obra são tridimensionais: Camille tornou-se rebelde e, em virtude disso, não recebeu amor e atenção; a partir daí, cresceu rejeitada e desenvolveu uma severa baixa autoestima, um dos motivos para cortar seu corpo inteiro. Na trama, Preaker sofre com automutilação, tendo grande parte do seu corpo marcada por cortes em formatos de palavras com algum significado pessoal, e passou determinado período de sua vida em um clínica de tratamento.

Já em Amma, a síndrome de Münchhausen da mãe se refletiu em uma psicopatia que a tornou assassina, muitas vezes motivada pelo ciúme. No caso de Marian, o cuidado exagerado de Adora, com remédios não prescritos e, portanto, perigosos, acarretou na morte da garota. Tem-se, então, três gerações completamente afetadas pela doença da mãe de Adora: reflexos que foram se perpetuando em cada geração e em cada filha a sua maneira.

É importante ressaltar que, embora alguns transtornos tenham certos sintomas característicos, cada pessoa reage a eles de maneira diferente; isso quer dizer que é preciso pesquisar bastante sobre a diversidade de reações e condições antes de desenvolver uma personagem, de forma que, mesmo que ela não represente um todo, sua narrativa seja verossímil e pessoas possam identificar humanidade naquele indivíduo. Josh Tomas, ao desenvolver o seriado *Please Like Me*⁹, levou em consideração o caso de sua mãe, que sofria com transtorno bipolar. Ao estudar sobre isso, percebeu que não há apenas uma forma de representar uma pessoa com a mesma doença, mas que era preciso normalizá-la e mostrar que há tratamento disponível.

⁸ A síndrome de Münchhausen, também chamada de transtorno factício, trata-se de uma desordem psiquiátrica na qual os indivíduos acometidos simulam estar enfermos ou com algum trauma psicológico para conquistarem atenção e simpatia das pessoas que os cercam.

⁹ *Please Like Me* é uma série televisiva de drama cômico australiana estrelada por Josh Thomas. O seriado explora problemas reais com um tom humorístico. O produtor executivo Todd Abbott preferiu classificar a série como drama do que como comédia.

ANÁLISE: *SHARP OBJECTS* E AS DOENÇAS MENTAIS EM CICLO

A grande catarse de *Sharp Objects* são as definições de família disfuncional traçadas ao longo de cada acontecimento. As dinâmicas de relação entre Adora, Amma e Camille são o espectro central da questão psicológica na trama, já que são marcadas pelo intercâmbio entre os transtornos de cada personagem. A manifestação destes transtornos e suas consequências específicas nos corpos e comportamentos das mulheres são retratados através da música, da atuação de cada atriz e de efeitos visuais — os quais são trabalhados primordialmente sob a perspectiva de Camille.

A série faz um trabalho relevante ao associar elementos simples e cotidianos a estas personagens, tratando de não desumanizá-las. No entanto, algumas cenas em que são exibidos os atos de automutilação de Camille devem ser repensadas devido ao conteúdo grave. A narrativa deveria ser uma denúncia desse tipo de comportamento e estimulante no sentido de incentivar que as pessoas que são acometidas por esse problema busquem ajuda e sejam melhor compreendidas pela sociedade, mas acaba também reforçando essa conduta — processo parecido com o que aconteceu com a série conterrânea *13 Reasons Why*¹⁰, cuja proposta era denunciar o suicídio por *bullying* entre jovens mas acabou por se tornar um gatilho para muitas pessoas com ideias suicidas.

A ideia de que a mídia pode influenciar a saúde mental das pessoas não é recente: o romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, publicado pelo escritor alemão Goethe em 1774, foi apontado como fonte de inspiração para mais de uma centena de suicídios cometidos por jovens na época. O chamado “efeito Werther” ficou famoso no âmbito da literatura, no século XVIII. A partir de então, iniciou-se o debate sobre o assunto e o tratamento do suicídio pela mídia foi visto como algo “contagioso”, que poderia ter na veiculação dessas notícias o principal fator desencadeador de uma espécie de “epidemia”. O fato é que temas relacionados à saúde mental costumam ser evitados pelos meios de comunicação, apesar de serem bastante repercutidos em casos de falecimentos de figuras públicas ou quando atrelados a mortes

¹⁰ *13 Reasons Why* é uma série de televisão americana baseada no livro *Thirteen Reasons Why* (2007), de Jay Asher, e adaptado por Brian Yorkey para a Netflix. A série gira em torno de uma estudante que se suicida após uma série de falhas culminantes, provocadas por indivíduos selecionados dentro de sua escola. Uma caixa de fitas cassetes gravadas por Hannah antes de se suicidar relata treze motivos pelas quais ela tirou sua própria vida.

inusitadas ou trágicas. Nesse sentido, falar sobre o assunto tem se tornado cada vez mais necessário.

A chave da participação da mídia no auxílio à prevenção está na forma de tratar o tema — saúde mental é um assunto ainda bastante negligenciado. É fundamental que os profissionais da área tenham acesso e sigam orientações ou diretrizes, como as contidas em manuais ou em documentos da Associação Brasileira de Psiquiatria para o mesmo público, com ideias do que pode ser feito para informar e ajudar de maneira positiva. De acordo com relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS), por exemplo, “o relato de suicídios de uma maneira apropriada, acurada e cuidados, por meios de comunicação esclarecidos, pode prevenir perdas trágicas de vidas”.

“A produção extensiva de tais categorizações psicopatológicas não se restringe aos espaços acadêmico-profissionais e clínico-hospitalares, o “discurso psi” estende-se a outros espaços do cotidiano como, por exemplo, na mídia — concebida aqui como um suporte de comunicação e de sociabilidade. Em um contexto de transformações (históricas) das práticas institucionais — da sociedade disciplinar e da sociedade de controle (Deleuze, 1992) — as chamadas novas tecnologias de comunicação e informação criam condições de circulação intensiva de informação, de produção de fatos, de marcação do tempo, do cotidiano, e, enfim, dos modos de sociabilidade (Machado, 2003), bem como suscitando desejos e necessidades que assinalam a produção da subjetividade na cultura contemporânea (Kehl, 2004)” (SILVA, 2006, p. 5).

Ao invés de divulgar os fatos de modo a reforçar estigmas em cima de pessoas que vivem em situação de sofrimento mental, a mídia precisa estar atenta ao cuidado e à responsabilidade de ser veículo de informação e tratar com suporte e informações que alertem sobre os problemas e ajudem na prevenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sharp Objects é uma produção cuja textura da história é atraente e profunda — intrinsicamente a isso, a série pode ser potencialmente perigosa para quem assiste. Em um momento em que grande parte do público experiencia o roteiro sem o cuidado de saber com mais detalhes do que se trata antes de consumi-lo, o contato com uma trama que envolve ansiedade, depressão, vícios, automutilação, traumas com abuso e relacionados à família

pode desencadear e trazer à tona sentimentos ruins e reações negativas: o chamado *gatilho*. Pode ser considerado um descuido grave que avisos de *trigger warning* não apareçam no início de cada episódio e que a recomendação de números de telefone e sites de prevenção a vícios e/ou problemas psicológicos apareçam somente no final, uma vez que algo aparentemente destinado a entreter é capaz de ocasionar lembranças, respostas e sensações sérias e perigosas.

A expressão “aviso de gatilho” é comumente utilizada em publicações que envolvem algum tipo de conteúdo que possa provocar o retorno de traumas às pessoas como uma espécie de proteção na *web* que busca evitar, por consequência, a exposição de problemas responsáveis por prejudicar o progresso positivo de recuperação. O mecanismo tem origem no termo inglês *trigger warning*¹¹ (em forma curta, TW), e o uso de tal sinalização em textos pode adiantar e preparar o/a leitor/a para o conteúdo que vem em seguida.

“A partir de tais observações, podemos afirmar que se os problemas de doença mental foram tratados historicamente como uma loucura *fora de si* - compreendida como uma situação de ruptura do juízo de realidade convencional, a partir da concepção de “desrazão” do “doente mental” — e na modernidade passa a ser isolada dos meios de sociabilidade e regulada pelos manicômios e pela disciplina dos saberes e práticas médico-terapêuticas (Foucault, 2000, 2001); em tempos de “abertura dos muros”, vemos instituir-se uma *loucura do dentro de si* (Birman, 2001) que é regulada pela formulação dos códigos classificatórios a partir dos transtornos psíquicos no e do cotidiano que, por sua vez, são veiculados pelos meios de comunicação e de sociabilidade” (SILVA, 2006, p. 5).

Ao abordar as práticas de automutilação, encontramos esta classificada como um sintoma dentro do campo médico, ou seja, algo que deve ser eliminado para que o sujeito possa retornar a seu estado “normal” e saudável. Ao tratarmos a automutilação como um sintoma no âmbito médico ou psiquiátrico, corremos o risco de silenciar o que essas práticas auto agressivas podem estar tentando comunicar. Segundo Favazza (1987/1996), a automutilação é uma reentrada em um estado de normalidade, um ato mórbido de

¹¹ Sendo *trigger* = gatilho e *warning* = aviso, expressa, basicamente, algo que, ao ser mencionado ou referido, desperta em alguém um sentimento ruim. Quando uma pessoa diz que um assunto é *trigger* para ela, então, quer dizer que a menção àquilo provoca uma reação negativa, o assunto a incomoda e entristece. Assim, o TW é colocado para avisar a quem alcançar aquele texto (ou imagem, ou quadrinho, etc.) que haverá referências ou menções explícitas a determinado assunto, e poderá engatilhar sentimentos/sensações/lembranças ruins. Dessa forma, o leitor saberá de antemão o que poderá encontrar e pode optar por prosseguir com a leitura ou não. Muitas vezes, a expressão TW é substituída por “aviso de conteúdo” ou “aviso de gatilho”.

regeneração. Assim, o automutilador utiliza-se desse sintoma como um ingresso para o estado normal, e não elimina-o para chegar a esse estado.

A saúde mental é um tópico que vem sendo cada vez mais integrado às narrativas midiáticas, mas sua abordagem continua dirigida por percepções errôneas ou pouco deliberadas. Dessa forma, *Sharp Objects* acaba por ser um objeto de constatação e crítica dessa realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Juliana Falcão Barbosa de. **O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão.** Estilos clínicos. São Paulo, v. 21, n. 2, p. 497-515, ago. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282016000200012>. Acesso em: 31 de out. de 2018.

FAVAZZA, Armando R. **Bodies under siege: self-mutilation and body modification in culture and psychiatry (Corpos cercados: automutilação e modificação do corpo na cultura e na psiquiatria).** Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press. (Trabalho original publicado em 1987).

MCGINTY, Emma E.; KENNEDY-HENDRICKS, Alene; CHOKSY, Seema; BARRY, Colleen L. Trends In News Media Coverage Of Mental Illness In The United States: 1995–2014. **Health Affairs.** Maryland: jun. 2016.

SILVA, Patrícia Regina da Matta. **Além dos muros e dentro da tela: o discurso psi, a mídia e o cotidiano.** Psicol. Am. Lat., México, n. 5, fev. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100010>. Acesso em: 31 de out. de 2018.